

Dossiê performance nas artes
dramáticas, nas artes visuais
e na música

Diálogo entre Fídias e William
Kentridge na paisagem cultural
intertemporal da Acrópole de
Atenas: interatividade e
performance do público na arte
antiga e contemporânea

*Dialogue between Phidias and
William Kentridge in the
intertemporal cultural landscape
of the Acropolis of Athens:
Interactivity and audience
performance in ancient and
contemporary art*

Celina F. Lage
PPGArtes, Escola Guignard, UEMG
E-mail: celinalage@gmail.com

Resumo

O artigo traz uma reflexão sobre os diálogos que são estabelecidos na paisagem cultural da Acrópole entre o friso do Partenon esculpido por Fídias no séc. V a.C. e a obra de cinema expandido *More Sweetly Play the Dance* de Willian Kentridge, exibida em 2017 em Atenas. Mostramos como a performance do visitante caminhando em torno do Partenon e no calçadão em torno da Acrópole, onde foi exibida a obra de Kentridge, faz com que a sua interatividade promova entrecruzamentos temporais e espaciais, antre Antiguidade, período medieval, e contemporaneidade.

Palavras-chave: Partenon, Arte grega, Arquitetura grega, Cinema, Arte contemporânea.

Abstract

The paper reflects on the dialogues that are established in the cultural landscape of the Acropolis between the frieze of the Parthenon carved by Phidias in the century. V a.C. and the expanded cinema artwork More Sweetly Play the Dance by William Kentridge, shown in 2017 in Athens. We show how the performance of the visitor's walk around the Parthenon and on the sidewalk around the Acropolis where Kentridge's work was exhibited makes its interactivity promote temporal and spatial intersections, between Antiquity, the medieval period, and contemporaneity.

Keywords: Parthenon. Greek art. Greek architecture. Cinema. Contemporary art.

A arquitetura da Acrópole de Atenas e seus elementos cinematográficos

A questão da paisagem cultural intertemporal da Acrópole de Atenas tem me atraído o interesse nos últimos anos como objeto de pesquisa¹. Considero como paisagem cultural intertemporal tudo aquilo que se configura em um âmbito bastante amplo. No meu entender, a paisagem que comporia a Acrópole de Atenas não seria apenas uma paisagem visual que vemos com nossos olhos e que podemos registrar com uma máquina fotográfica, mas uma paisagem que também é imaterial, que compõe esse espaço e a história desse espaço, dizendo então respeito a todas as manifestações culturais que acontecem em torno da Acrópole, e influenciadas por ela. Quando eu falo do entorno, eu não estou me referindo apenas ao entorno espacial, mas também a esse entorno contextual muito mais abrangente. Assim, poderia estar acontecendo um diálogo com a Acrópole aqui no Brasil, de onde escrevo esse artigo agora, como em qualquer outra parte do mundo, sem que a geografia seja um fator impeditivo, pois afinal de contas a influência cultural do monumento perpassa o tempo e o espaço.

A paisagem que vemos na fig. 1 mostra uma das faces da Acrópole de Atenas. Acrópole em grego significa 'a cidade alta' pois ela está situada no alto de uma rocha, chamada também de Rocha Sagrada. A maior parte das construções que vocês veem no alto da rocha é do século V a.C., possuindo vários prédios, sendo que o maior e mais imponente é o Partenon, templo dedicado à deusa Atena, que nessa foto parece estar no centro. O que vemos no alto da rocha é um complexo de prédios, circundados por uma muralha.

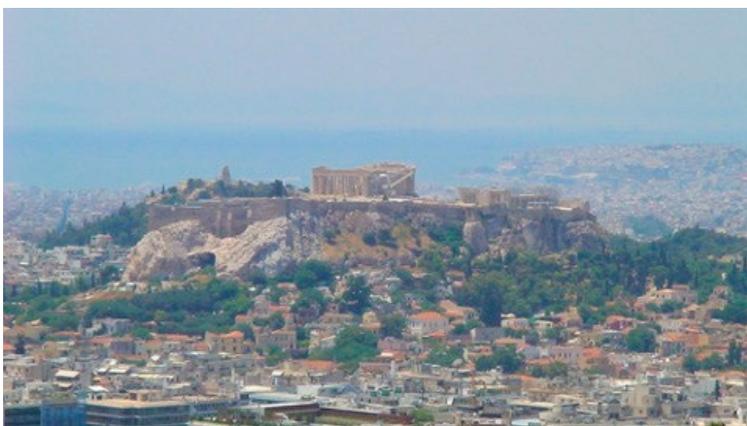


Figura 1: Fotografia da cidade de Atenas com a Acrópole ao centro, vista do Monte Lycabettus. Foto da autora, 2009.

¹ Resultado de pesquisa desenvolvida com o apoio do Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG. Resultado de pesquisa desenvolvida com o apoio do Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG.

O cineasta Eisenstein em seu ensaio escrito entre os anos de 1937 e 1940 descreve em detalhe o percurso desde a entrada na Acrópole pela Propylaea, a sua entrada principal, passando pelos outros templos até chegar no Partenon. O cineasta apresenta a experiência visual do percurso comparando-a a uma sequência de uma montagem de cinema. Segundo ele, os gregos antigos tinham uma enorme preocupação com a primeira impressão visual e primavam pelas visões oblíquas, compondo a arquitetura intencionalmente de modo a se tornar uma experiência de composição “cinematográfica” das imagens arquitetônicas, ainda antes da invenção do cinema. Em suas palavras,

O cálculo de um efeito de tomada [de um filme] é óbvio, pois aí também o efeito da primeira impressão de cada nova tomada emergente é enorme. Igualmente forte, porém, é o cálculo sobre um efeito de montagem, ou seja, a justaposição sequencial dessas tomadas. (...) É difícil imaginar uma construção mais rigorosa, mais elegante e mais triunfante do que essa sequência. (Eisenstein et alii 1989: 120)

Em seguida, Eisenstein especula sobre o tempo de apresentação das imagens arquitetônicas ao espectador, destacando a solenidade com que são apresentadas na relação do ritmo proposto do percurso com o ritmo arquitetônico:

Seria ainda de particular interesse analisar o período de tempo em que cada uma dessas imagens foi apresentada ao espectador. Não entraremos em detalhes sobre isso aqui, mas apenas observaremos que a duração dessas sequências de montagem está inteiramente em sintonia com o ritmo do próprio edifício: a distância de um ponto a outro é longa e o tempo necessário para mover de um para o outro é extenso conforme a solenidade. (Eisenstein et alii 1989: 121)

Isso quer dizer que, para percorrer o trajeto projetado dentro da Acrópole de Atenas, o espectador precisa de um tempo para se deslocar de um ponto a outro, dentro de um plano de deslocamento bem elaborado esteticamente.

As Panateneias no friso do Partenon esculpidas por Fídias

No período Clássico da construção dos prédios que hoje vemos no alto da Acrópole, de quatro em quatro anos eram celebradas as Grande Panateneias, procissões de uma festa em honra da Deusa Atena, que era a deusa protetora da cidade. Nessa data comemorativa acontecia uma festa religiosa, onde ocorria uma procissão que, ao que tudo indica, saía do cemitério do Keramikos, passava pela praça central, a Ágora, e subia até a Acrópole de Atenas, percorrendo então o trajeto no alto da rocha, passando por diversos templos e prédios, chegando por fim ao Partenon, templo dedicado à Deusa Atena. É

justamente a representação dessa procissão religiosa que vemos mimetizadas nas esculturas do Fídias em alto relevo no friso do Partenon, cuja construção foi finalizada no ano de 432 a.C. A festa religiosa também envolvia concursos de ginástica e música. Tudo indica que, após a sua construção, o Partenon tornou-se o ponto de chegada desta procissão, a qual foi ricamente retratada ao longo do seu friso por Fídias.

Fídias é o escultor mais famoso do período Clássico da arte grega, tendo sido encarregado de fazer todas as estátuas e relevos do prédio. O friso de sua autoria, contendo a representação das Panateneias, circunda o templo em seus quatro lados, decorando o edifício e compondo narrativas em conjunto com as outras esculturas dos frontões e os relevos das métopas. Várias cenas estão representadas no templo e, para apreendê-las em seu conjunto, é preciso circundar o Partenon. Nem todas as faces do Partenon sobreviveram ao tempo, então a narrativa que vemos na atualidade está fragmentada em um dos lados do edifício que mais sofreu por causa de uma explosão causada pelo bombardeio dos Venezianos no séc. XVII. Na fig. 2 é possível ver um detalhe de umas das faces do Partenon, com parte do friso das Panateneias podendo ser observado atrás das colunas.

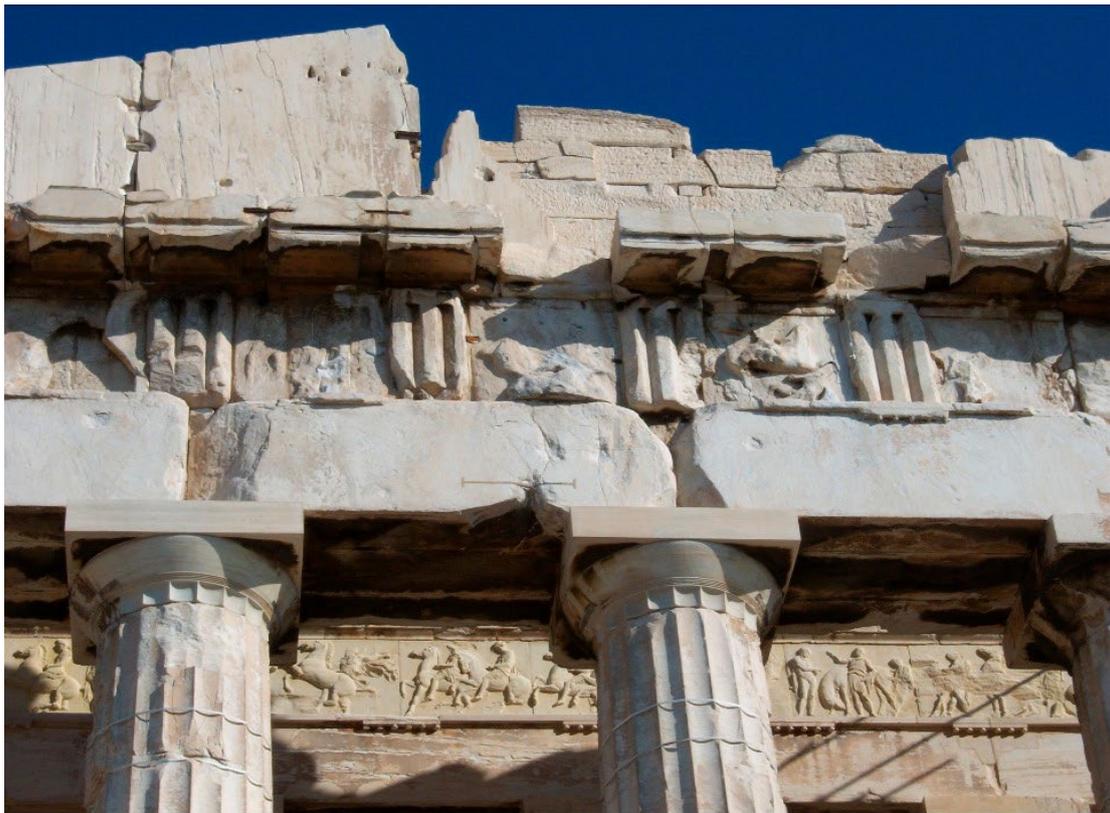


Figura 2: Detalhe dos relevos de Fídias no Partenon.
Foto da autora, 2009.

Na fig. 2 podemos observar algumas figuras no friso: à direita vemos algumas pessoas em pé conversando e fazendo gestos na companhia de cavalos e, no centro da fotografia, vemos pessoas cavalgando montadas em cavalos em movimento, cavalgada essa que se estende até o lado esquerdo da foto. Não sabemos se aqui nessa cena a cavalgada representa uma competição ou simplesmente uma procissão, mas fato é que se trata de uma tradição cultural presente até os dias de hoje nas festas religiosas da Grécia. Lembro-me de certa vez, na segunda década do séc. XXI, estar na ilha de Lesbos na data em que é celebrada a Assunção de Nossa Senhora em 15 de agosto, e ter presenciado um desfile de cavaleiros montados em seus cavalos fazendo figuras com os mesmos, empinando-os e desfilaro com suas celas ricamente decoradas em meio a uma procissão com a imagem de Maria. Um detalhe que me chamou a atenção foi que alguns embebedavam os cavalos para que os mesmos se movimentassem de forma confusa e frenética, fazendo movimentos que algumas vezes assustavam os demais pedestres. Me senti incomodada e revoltada com a prática de embebedar os cavalos, mas ao mesmo tempo percebi que o ritual em questão é uma continuidade de práticas muito antigas.

No friso do Partenon igualmente em uma outra parte está representada uma cena em que pessoas carregam um pano dobrado, sendo provavelmente uma referência ao ritual antigo de lavagem e dobras da vestimenta da deusa Atena, que seria colocada na estátua monumental de Fídias localizada no interior do templo, estava essa de ouro e de marfim. Até os dias de hoje as dobras dos tecidos têm uma importância muito grande na cultura grega. Podemos observar as dobras nas saias dos soldados chamados Evzones, que são o cartão postal de Atenas e que guardam o Parlamento grego, o Túmulo do Soldado Desconhecido na praça Sintagma e a residência presidencial que fica próxima. Do mesmo modo são tradicionais as dobras das calças dos marinheiros, as quais são carregadas de significados. Dizem que as saias dos Evzones, as fustanelas, possuem 400 dobras, como uma espécie de memória da resistência dos 400 anos que os gregos ficaram sob o domínio do império otomano, e que as cinco dobras nas calças dos marinheiros remetem aos cinco oceanos.

Não caberia nesse artigo comentar uma a uma todas as cenas representadas no friso, que são muitas. Eisenstein já falava sobre a sutileza da composição das imagens na Acrópole, mas cabe aqui observar que essa qualidade não está presente apenas na Acropóle em relação ao ritmo arquitetônico do percurso entre seus edifícios como ele notou, mas também está presente no Partenon de maneira ainda mais emblemática, de modo a fazê-lo uma verdadeira peça de pré-cinema. Ao caminhar em torno do Partenon, vamos compondo visualmente e mentalmente uma série de cenas, de narrativas e de mitos fundadores da cultura grega. As diversas imagens figuradas retratadas nas métopes, no friso e nos frontões poderiam ser comparadas a histórias em quadrinhos, dada a sequência das imagens, mas, mais do que isso, são comparáveis ao cinema, na medida em que são imagens postas em movimento

pelo caminhar do observador. O movimentar-se em torno do prédio faz com que narrativas entrecruzadas de maneira não linear sejam compostas no campo visual e mental, de modo a se constituírem como imagens em movimento. Nesse caso, as imagens estão em movimento não porque elas estão se movimentando sozinhas, mas porque o espectador está em movimento e, quando ele vai andando em torno do Partenon, ele estaria experimentando uma composição de imagem em movimento, em que plano a plano, quadro a quadro se constituem no conjunto como uma montagem. Por esse motivo, o Partenon pode ser considerado como uma experiência de pré-cinema.

Conforme afirmam Michalopoulou e Touloumis,

O movimento ao longo do pteroma pode ser considerado ser direcionado em relação ao movimento das figuras do friso. Em particular, podemos supor que toda a cena do friso é um monoplano que realizou a montagem das formas em movimento do friso. Nesse caso, a estrutura do tempo percebida pelo caminhante deriva da sucessão rítmica das durações das imagens-tempo individuais. Essas durações dependem diretamente da extensão dos elementos espaciais do edifício. (Michalopoulou & Touloumis 2015: 28:16)

Os autores consideram que a noção de ritmo na música influenciou a arquitetura na Antiguidade, entendendo que não se trata de uma concepção de ritmo na arquitetura pautada apenas pelas repetições dos elementos, mas em uma concepção muito mais rica e variada, que envolve a percepção dos aspectos da temporalidade e da espacialidade envolvidas na experiência.

No novo Museu da Acrópole, o projeto expográfico permite que o visitante dê também a volta em torno do friso e tenha uma visão do Partenon no alto da Acrópole através de suas paredes de vidro, recompondo assim mentalmente a experiência espacial da paisagem da Acrópole. O Museu foi inaugurado em 2009 e sua intenção é reunir todas as esculturas do Partenon, das quais cerca da metade está exposta no Museu Britânico em Londres. A intenção do Museu é abrigar no futuro as esculturas, as quais são alvo de uma campanha internacional para a sua reunificação e repatriamento, liderada pela International Association for the Reunification of the Parthenon Sculptures, da qual faço parte como vice-presidente do Comitê Brasileiro Para a Reunificação das Esculturas do Partenon, em cooperação com o governo da Grécia e o Museu da Acrópole, além de diversas outras organizações.

More Sweetly Play the Dance de William Kentridge

É nesse contexto cultural intertemporal que se situa a obra *More Sweetly Play the Dance* de William Kentridge, ao se apresentar como uma instalação de cinema expandido montada em 2017 no calçadão na rua Dionysiou Areopagitou,

que fica situado aos pés da Acrópole, em frente ao Museu da Acrópole e próximo às ruínas do Teatro (e templo) de Dioniso, um dos primeiros teatros da Grécia. William Kentridge é um artista sulafricano que atua principalmente na área de artes plásticas e visuais, incorporando sempre em sua obra elementos da dança, teatro, cinema, vídeo, desenho, música, literatura, artes gráficas, colagem, performance, etc., sendo um artista que estabelece com muita frequência diálogos interartes. Essa obra, criada em 2015, é uma instalação multicanal que possui oito telas de 5 metros cada, num total de 40 metros de largura, tendo sido instalada ao longo do calçadão que circunda a Acrópole. Kentridge reúne várias linguagens artísticas nessa obra, a saber, desenho, pintura, dança, teatro de sombras, animação e música. A obra faz referência à dança macabra, um lugar comum tradicional na literatura e na arte medieval, que basicamente consiste na dança dos esqueletos com seres humanos, ilustrando a dança que alegoricamente todos nós mortais estaremos dançando mais cedo ou mais tarde, ou seja, a dança da morte. Na fig. 3 podemos observar um exemplo desse tipo de representação do séc. XV, em que o bispo e figuras da realeza dançam com esqueletos.

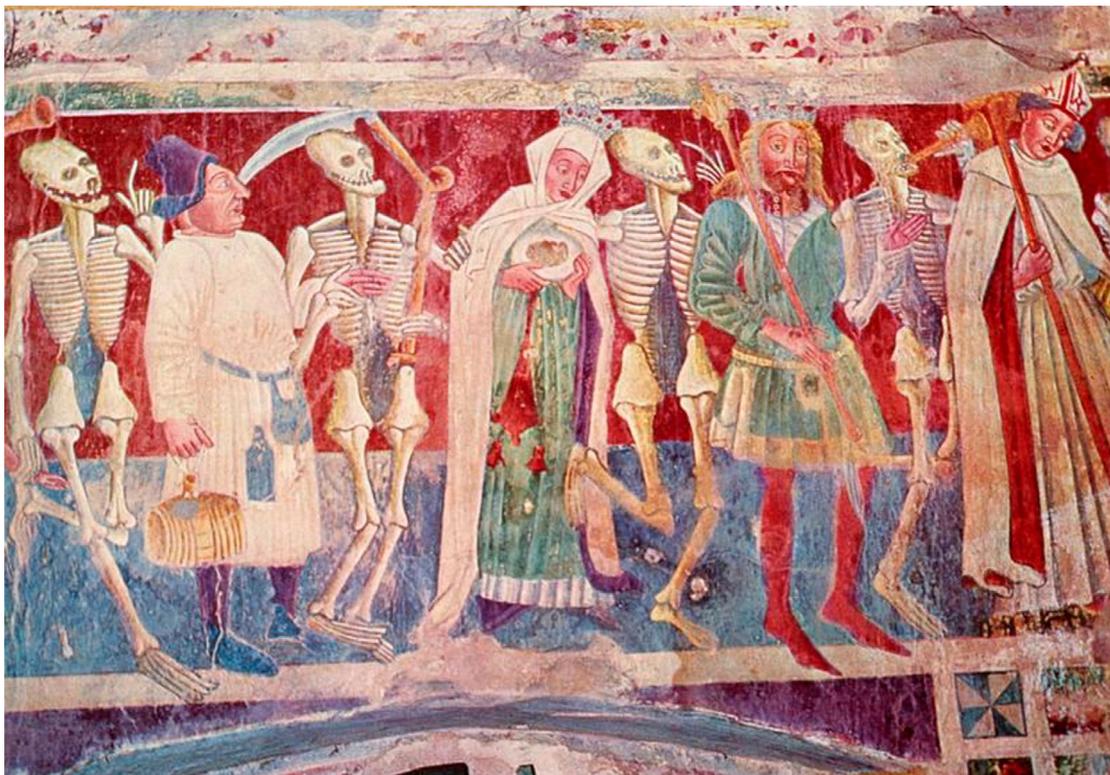


Figura 3: Beram (Jugoslavia). Chiesa di Ss. Marija na Škriljinah. Affresco della danza macabra (Pittore Vincenzo da Castrea, 1474) por Vincent of Kastav - 1474 - University of Bologna, Europe - CC BY-ND. https://www.europeana.eu/pt/item/22/_25819

Kentridge apresenta na obra uma procissão com elementos que remetem a essa dança macabra. Revestido de um caráter universal, o filme com duração de 15 minutos em loop traz para as oito telas uma procissão que se desenrola em toda a sua dimensão de 40 metros. Na fig. 4 podemos ver quatro telas dispostas na beirada do calçadão e turistas se movimentando na direção contrária à que a procissão é representada.



Figura 4: Registro de parte da instalação *More Sweetly Play the Dance* de William Kentridge em Atenas. Foto da autora, 2017.

Há uma banda de música, dançarinos de danças africanas, pessoas que desfilam carregando diversos objetos vazados como plantas e flores, bustos e rostos vazados (fig. 5), entre outros. Os rostos possivelmente são de personalidades africanas, alguns lembram bustos antigos de deusas gregas. Ao fundo pode-se ver rabiscos possivelmente do próprio artista, e que são animados em alguns momentos. A impressão é que são rabiscos de um caderno de artista. Há também uma pessoa que caminha e que vai jogando as folhas de papel para trás, remetendo a uma despedida, coisas que são dispensadas e jogadas no lixo, deixadas para trás.



Figura 5: Detalhe da obra de Willian Kentridge *More Sweetly Play the Dance*.
Fonte: <https://www.theparisreview.org/blog/2015/10/06/more-sweetly-play-the-dance/>

Muitas profissões são representadas como políticos e datilógrafos, há também pessoas doentes e esqueletos dependurados como marionetes que balançam com o movimento. Na fig. 6 é possível ver três das telas, alguns transeuntes e uma menina vestida de amarelo que observa sua própria sombra sendo projetada sobre a tela, sobrepondo-se às projeções de Kentridge. A forma da garota interagir é sugerida pelo próprio posicionamento dos projetores do outro lado do calçadão, oposto ao das telas, que obriga as pessoas a caminharem enquanto a projeção incide sobre elas, criando uma camada adicional que remete ao teatro de sombras sendo projetado sobre as telas, criando assim uma nova projeção.

A parte em que as pessoas doentes aparecem pode remeter ao surto de ebóla na África, mas poderia diacronicamente remeter à pandemia de Covid 19, se a obra fosse exibida no ano de 2020 e 2021. Como afirmei anteriormente, a obra tem uma pretensão de ser universal, poderia se aplicar a outras culturas e ser compreendida em outras épocas, apesar de trazer alguns elementos tecnológicos característicos de algumas épocas específicas, como é o caso da máquina datilográfica.



Figura 6: Registro de parte da instalação *More Sweetly Play the Dance* de William Kentridge em Atenas. Foto da autora, 2017.

Considerações finais

Finalizando essas reflexões, o que eu tentei mostrar é como que essa procissão das Panateneias no alto do Partenon é colocada em diálogo e ganha uma nova visibilidade e potência com a ação da arte contemporânea. A partir do momento em que a obra do Kentridge é exibida no entorno da Acrópole, ela vai integrar o contexto de toda essa paisagem cultural da Acrópole de Atenas, estabelecendo um diálogo explícito com o friso das Panateneias. Apesar de a obra não ter sido concebida inicialmente para esse espaço, a partir do momento em que ela é exibida ali e, tendo em vista seu caráter universal, ela passa a fazer parte de um diálogo cultural intertemporal com o Partenon e a Acrópole. Se na Antiguidade tínhamos uma procissão religiosa que ocorria a cada quatro anos e que estava representada no friso do Partenon, na contemporaneidade temos uma ‘procissão’ de turistas que também percorrem trajetos no entorno da Acrópole. Essa obra de cinema expandido de Kentridge retrata também uma procissão, inspirada numa festa da Idade Média, mas que se atualiza com a interatividade da ‘procissão’ de turistas performando na cidade de Atenas atual e se relacionando com as Panateneias do passado.

Sobre o friso do Partenon, Michalopoulou e Touloumis afirmam ainda que ele (...) não foi concebido como uma imagem que se refere ao início e progresso da procissão de Panateneia, mas como registro do próprio movimento no tempo usando a ritmologia e a coreografia com um sentido cinematográfico. A ativação do movimento da procissão pressupõe o movimento físico do caminhante. Só então o evento apresentado é revelado e se desdobra ativamente, tornando o caminhante um participante-companheiro na procissão Panatenaica. (Michalopoulou & Touloumis 2015: 28:2.)

Sendo assim, a apreciação estética da obra de Fídias se dá justamente com a performance do visitante que se desloca em torno do Partenon através de uma caminhada que o torna também de certo modo um participante das cenas e do ritual. Da mesma maneira, a obra de arte contemporânea criada por Kentridge faz com que a 'procissão' de turistas se transforme em uma obra interativa em que é adicionada mais uma camada de corpos performáticos, gerando sombras que são projetadas sobre sua obra e promovendo entrecruzamentos temporais e espaciais, entre Antiguidade, período medieval e contemporaneidade, além de reunir culturas distintas como a europeia e a africana. Desse modo, compreendemos como diálogos interartes podem acontecer, atravessando tempos e espaços, nessa paisagem cultural intertemporal da Acrópole de Atenas, que é única e ao mesmo tempo múltipla nos novos sentidos que é capaz de suscitar continuamente.

Bibliografia

EISENSTEIN, Sergei. *Towards a theory of montage* (Sergei Eisenstein Selected Works, volume II). Translated by Michael Glenny. Edited by Michael Glenny and Richard Taylor. London/New York: I. B. Tauris, 1991.

EISENSTEIN, Serguei; BOIS, Yve-Alain; GLENNY, Michael. "Montage and Architecture". In: *Assemblage* 10 (Dez., 1989): 110-131.

LAGE, Celina F.; EV, Guilherme. "As transformações da Acropóle de Atenas, a monumentalidade emblemática do Partenon e das suas esculturas". In: *Nearco XII* (2019): 49-68. Link: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/49484>

MICHALOPOULOU, Katerina; TOULOUMIS, Antonis. "Structural correlations between architecture, music, and cinema: Rhythmical description of the Parthenon frieze". *Proceedings of the 10th International Space Syntax Symposium* (2015): 28:1-16.